

Os Cristãos e a Autodefesa contra os Criminosos – Incluindo o Estado (Parte II)

Por *John Cobin, Ph.D.*, para *The Times Examiner*
18 de Maio de 2005.

Esta coluna é a segunda de uma série de duas partes que trata do tema dos Cristãos e a autodefesa.

Em sua famosa obra *O Preço do Discipulado*, Dietrich Bonhoeffer recomenda o sofrimento cristão debaixo da tirania e da opressão como um meio de demonstrar a fé e o compromisso cristão. “Seria igualmente errôneo supor que Paulo pense que o cumprimento de nosso chamado secular seja, em si mesmo, o processo de viver a vida cristã. Não, seu significado real é o de renunciar à rebelião, e a revolução é a maneira mais apropriada de expressar nossa convicção de que a esperança cristã não está posta neste mundo, mas em Cristo e no seu reino. E assim – que o escravo continue escravo! O que o mundo necessita não é de uma reforma, pois já está pronto para a destruição. E assim – que o escravo continue escravo! [Cristo também tomou a forma de um escravo (Filipenses 2:7)]... O Cristão não há de ser exaltado como portador do mais alto ofício: seu chamado é para permanecer embaixo.” (1995, Touchstone, p.260). Bonhoeffer está correto? Os cristãos americanos *não* devem aspirar o “mais alto ofício”? Devem estar contentes com a “escravidão” imposta sobre eles por parte de um estado tirânico que confisca mais da metade de sua renda em impostos, que proativamente regula sua conduta como se faria num *Big Brother*, e que mantém uma ameaça contra seus lares caso não haja o pagamento dos impostos de propriedade?

Se a autodefesa dos cristãos é bíblica, por que nem Cristo nem os apóstolos se defenderam do estado Romano? Bem, Cristo tinha de morrer por causa de sua igreja. Ele disse que poderia haver tido “mais de doze legiões de anjos” (Mateus 26:33) para defendê-lo, porém decidiu não se defender por causa do amor por seu povo. (Note também que ele nunca disse que se defender era errado.) No princípio de seu ministério terreno, Cristo evitou divinamente a seus perseguidores posto que “sua hora não havia chegado” (João 7:30) e advertiu aos cristãos para que “fugissem” das perseguições vindouras e da destruição de Jerusalém (Mateus 10:23; 24:16; Lucas 21:21). Fugir é uma forma de auto-preservação, que é um componente da autodefesa.

Do mesmo modo, Paulo se defendeu na corte (Atos 22:1 [dos judeus]; 26:1 ss [Festo]) e Paulo chegou a ponto de desejar que Alexandre o latoeiro fosse temporalmente castigado por Deus (2Timóteo 4:14), talvez visando sua auto-preservação. Paulo também instruiu aqueles que eram escravos a aproveitar a oportunidade de fazer-se livres caso pudessem fazê-lo: “Foste chamado sendo escravo? Não te preocupes com isso; porém, se ainda podes tornar-te livre, aproveita.” (1Coríntios 7:21). Portanto, creio que Bonhoeffer, embora bem intencionado, estava errado. Os cristãos devem tratar de ser livres da escravidão e da tirania sempre que for possível. Se Deus abre a porta, a liberdade lhes permitiria trazer maior glória a Deus em suas vidas do que aquela advinda de demonstrar sua piedade e serviço enquanto vivem debaixo da opressão. Pode

ser que os apóstolos e os primeiros discípulos achassem conveniente não tomar as armas. Só porque um cristão tem o direito de defender-se não quer dizer que sempre deve fazê-lo. Os primeiros cristãos tinham pouca esperança de chegar a dominar os brutais romanos.

Compreendamos quando é apropriado que os cristãos resistam pela força aos tiranos e criminosos – inclusive com força mortífera. Considere: (1) um irmão cristão irado atacando-lhe com uma faca; (2) um assaltante armado ou outro bandido entrando em seu lar no meio da noite; (3) a organização local da máfia que quer obrigá-lo a fazer contribuições mensais; (4) um crime em público (e.g., enquanto passa perto de um pequeno grupo de assassinos, na verdade uma quadrilha, eles estupram uma mulher fora de um bar, e passam a observá-lo de uma maneira ameaçadora); (5) o exército invasor de outra nação; (6) o exército invasor de uma nação da qual teu povo recentemente declarou independência (porém se recusam a reconhecer a vossa independência deles, e.g., Inglaterra em 1776); e (7) seu próprio estado que está extorquindo “legalmente” o povo para que pague dinheiro e que se converteu em um criminoso de outras maneiras – inclusive violando a lei de Deus.

Em minha opinião os cristãos podem resistir de maneira apropriada em *qualquer* dos casos anteriores. A lógica é indiscutível. O fato de o bandido no caso #7 ter sido elegido pelo povo não faz nenhuma diferença. Muito menos faz diferença se o governo representativo estiver produzindo tirania. Não devemos condenar o aborto ou a escravidão só porque os líderes estatais elegidos as sancionam. Se os líderes do estado se comportam como criminosos, então se arriscam a serem mortos justamente por aqueles que fora elegido para defender. Os Fundadores [da nação Americana] estiveram de acordo com esta premissa e aprovaram assim a Segunda Emenda para assegurar que os cidadãos pudessem defender-se do estado. Matar matadores, repelir aos criminosos e resistir aos tiranos (e aos estados) são atividades potencialmente apropriadas para um cristão – dependendo das circunstâncias. Sim, a “Revolução” Americana foi justa.

Hoje, tristemente, muitos cristãos têm o pensamento desordenado e abandonaram os ideais dos fundadores e as premissas do Novo Testamento. Respaldam, equivocadamente, o Estado predador e proativo. Em lugar disso, os cristãos deviam trabalhar contra seu inimigo, o *Estado* e suas políticas proativas. Embora muitos cristãos pensem que a autodefesa contra o Estado é *sempre* uma distração não desejada de sua missão primordial, há casos quando os propósitos dos cristãos no mundo podem ser atendidos por meio da autodefesa. Portanto, afirmo que os cristãos devem defender-se do Estado, assim como devem fazê-lo contra qualquer outro criminoso ou organização a favor do delito. Ao mesmo tempo os cristãos podem e devem respaldar um *governo* limitado, estabelecido para proteger-lhes dos criminosos e assim beneficiar indiretamente a igreja e sua missão básica.

Tradução: Marcio Santana Sobrinho